





Também a Paródia saúda o Brazil

### A CARTA DOS PRELADOS

Na muito falada carta dos Bispos a El-Rei, acerca da questão religiosa, afirma-se um facto que ha muito estava no animo de todos, mas que não se chegara ainda a provar rigorosamente.

Dizem os Bispos:

«Deploramos os excessos e as violencias com que foram expulsos de seus domicilios, por pertencerem a comunidades religiosas, homens inoffensivos e senhoras indefezas, que ali viviam á sombra do direito commum...»

Homens inoffensivos são pessoas muito amáveis; senhoras indefezas são sympathicas creaturas para quem todas as attentões são poucas. Juntem-se agora no mesmo domicilio, debaixo do mesmo tecto, á sombra do mesmo direito, essas creaturas amáveis do sexo masculino com essas outras creaturas sympathicas do sexo feminino, todas ellas cheias de attentões umas para as outras, e digam-nos se não devem passar-se ahí algumas agradáveis horas mariannas!

Com effeito, Senhor — dizem os Bispos — é sabido como, sem que os poderes publicos podessem alegar ignorancia, os institutos religiosos iam resurgindo e florescendo em Portugal, difundindo em torno de si e por variadas manifestações a sua acção benéfica, a cuja luz «só os olhos de cegos voluntarios» podiam cerrar-se...

Parece uma coisa inventada pelo nosso amigo Branco Rodrigues: —... Instituto de Cegos Voluntarios de Castello de Vide!



Historiando o desenvolvimento que as congregações religiosas tinham chegado a attingir em Portugal, os Bispos dizem, referindo-se aos jesuitas e ás Dorotheas, que elles lá iam «multiplicando se tranquillamente...»

Era uma multiplicação a que ellas tinham sempre o cuidado de tirar a prova dos nove... mezes!



A carta dos Prelados não póde ser lida indifferentemente por toda a gente. Ha nella muitos trechos de leitura só para homens. Nella se fala frequentes vezes de irmãs invioláveis, de offensas á moral, de amores acrisolados, de aliciações da sensualidade, do vinculo matrimonial, de casos esporadicos, etc.-etc.



Na mesma carta se lê ainda isto, que é de pôr os cabellos em pé:

«Se legitimo fôsse supprimir as ordens religiosas, por não serem indispensaveis para a existencia da Igreja, poderia pelo mesmo teor de raciocinio affirmar-se licita qualquer mutilação violentamente praticada em um homem, uma vez que o membro amputado não fôsse essencial á vida.»

Alludindo ás Irmãs Reparadoras, mas não bastante disfarçadamente para que se não veja logo que o caso se entende com ellas, a carta dos Bispos trata-as de almas fervorosas, que voluntariamente, e com heroica abnegação, guardavam a castidade.

O que não quer dizer que a castidade não ficaria muito mais bem guardada com sentinella á vista.

Publicada no *Correio Nacional*, a carta dos Bispos occupou quatro columnas compactas d'aquelle jornal, que tem as costas e as columnas largas.

Alguna coisa se ganhou, portanto. Porque nesse dia, o jornalista Fernando de Sousa não teve necessidade de escrever para encher o seu jornal — de asneiras!



Na Camara dos Pares, quando se discutia o projecto de modificações no imposto do sello, e respondendo ao Sr. Elvino de Brito, que fizera algumas objecções azedas á idéa de se unificar o typo das estampilhas fiscaes, o Sr. Ministro da Fazenda mostrou um caderno onde teve a paciencia de collar toda a série variadissima de estampilhas de côres com que a nossa legislação tem mimoseado o paiz.

— Isso é que foi paciencia! observou o Sr. Elvino de Brito, á parte.

— Tenho muita! respondeu. Sr. Ministro da Fazenda. Só a que é preciso ter para aturar as objecções de alguns dignos pares!...



Conta-se que nas vespéras da publicação do Decreto que regularizou a existencia das congregações, o Sr. Patriarcha recebeu rogado de certa Madre geral que muito ardentemente desejava ver Sua Eminencia, e com elle communicar, pois cruéis duvidas affligiam a comunidade, cuja existencia até então decorrera serenamente, na paz do velho convento que o Estado lhe concedera, mas de que agora ameaçava es-corraçá-las quasi de surpresa.

O rogado fôra verbal, e pela mesma pessoa de confiança que lh'o levava, consta que Sua Eminencia mandou dizer á inquieta Madre:



— Que estivesse descansada, que tudo se arranjaría do melhor modo, e que elle mesmo lá iria, nessa noite, falar-lhe á cerca do convento...





## HISTORIAS DE GALEGOS

VI

Ramon Garcia, aguadeiro da Academia Real das Sciencias, encontra-se nos Gardaes de Jesus com o cocheiro d'um academico que e está chitirando o pó dos archivos, e lhe diz espiando a mão esquerda na parede:  
— Es capax de dar um socco n'este mão?



— Baia que xoul!  
Atirou o socco, mas como o outro tirasse rapidamente a mão, regou-se ao esmurrar a parede.  
Achou o gallego graça á historia e quando foi á terra, querendo deslucubrhar um patricio, disse-lhe pondo a mão esquerda aberta sobre o nariz.  
— E's capax de dar um xocco aqui?



— Baia que xoul!  
— Antão dá...  
Pumbal



## A UNIÃO LIBERAL

Logo que teve conhecimento de que fôra organizada a União Liberal, cujos trabalhos foram iniciados numa reunião de vultos eminentes, o Sr. Augusto Fuschini dirigiu uma carta ao Dr. Bombarda, principal entusiasta d'esse movimento, declarando a sua adesão, offerecendo os seus préstimos, e pedindo ao illustre alienista que o mettesse, a elle, Fuschini, na grande commissão.

Parece que o Dr. Bombarda, muito amavelmente, respondeu que a commissão estava completa, e que por esse motivo não lhe era já possível lá mettê-lo.

— Mas se Vossa Excellencia quizer, acrescentava, pos-o ainda mettê-lo em Riha-fóles



Ainda a proposito da União Liberal, conta se que o Sr. Conde de Breitandos, conversando com o Dr. Bombarda, e alludindo a certos membros da grande commissão de protesto, lhe dissera:

— Não lhe bastavam já, meu caro doutor, os outros doidos, para ainda ter agora de aturar mais esses!

Ao que o Doutor respondeu:  
— Mas é que estes, agora, são *Doidos com juizo!*



D'um jornal da manhã:  
«Por falta de talento, não reuniu hontem a 2.ª classe da Academia das Sciencias».



— Meu caro senhor: uma esmola a uma pobre madré... cahida no desgraço do governo.



Ha dias e com pasmo de tod a a gente fo conduzido por um policia ao governo civil um cavalheiro muito conhecido e respeitado em Lisboa, preso pelo 32, quando no Chiao conversava com um amigo.

Na Parreirinha o guarda explicou-se:  
— Saberá V. S.ª que este gajo é frade e anda disfarçado,



— Que tem a dizer a isto? E' realmente frade?  
— Sim, senhor. Frade... de Almeida, para o servir.



Horas depois o nosso bom amigo Eduardo Garrido era tambem catrafilado á porta da nova pastelaria do Chiao, onde estava conversando com o sr. dr. Taborda.

Levado ao governo civil foi tambem denunciado como jesuita!

— Este home estava ali á porta da pastelaria a dizer a um muito baixinho que era leigo.

Garrido accudiu logo:  
— Perdão! Eu sou leigo... na materia!



Quando a auctoridade ordenou o encerramento do coio do Varatojo e os frades sahiam chorando, um homem do povo consolou-os:

— Oh irmãosinhos, não vale a pena affigirem-se tanto!  
— Vocemecê julga que nós somos frades... de pedra?



Quando o administrador do concelho de Torres Vedras foi intimar despejo aos frades do Barro, o superior d'aquella congregação começou a oppor observações.

O administrador irritou-se.  
— Resistem?  
O superior com os olhos no chão:  
— Não, senhor. O Barro é fragil!



Como o governo tivesse prohibido que no Hamlet se dissesse: *Uae para um convento*, a empresa do theatro D. Amélia mexeu os pausinhos e conseguiu alguma cousa.

O sr. Hintze permite que o Brazão diga a phrase com uma pequena modificação:  
— *Uae para um convento com estatutos!*



— Então, irmãosinho, dizia ha dias um engraçado a um frade, chegaram-lhe um calor ao convento?  
— E' verdade! E cá vou *com vento fresco!*

A  
RODIA  
CONFITEOR



STAPHAEL BORDALLO SIMHEIRO.

Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!



Entre o sr. cardeal patriarcha e o marmanhão superior de Campolide:



— Seis mezes! E teremos tempo para pôr as nossas coisas em ordem... religiosa?

O sr. Hintze passando agitadoamente no seu gabinete do ministerio do reino, desabafa com o sr. ministro da justiça:

— E «qui estamos entre duas eminencias...



— Duas?  
— Então? Sua eminencia o patriarcha e a imminencia do perigo d'uma revolução!

— Oh menino, e que sorte que esses frades teem quando não são calvos? Andam sempre armados!

— Armados? quando não são calvos?...

— Pois está claro. Andam armados... porque teem sempre uma corôa!



Presente do indicativo do verbo *ir* arranjado pelo sr. dr. Candido de Figueiredo para uso dos jesuitas:

Eu safo-me  
Tu pigas-te  
Elle misca-se  
Nós respamo-nos  
Vós piraes-vos  
Elles tingam-se



— Pa'a adquirir o habito de leitura não ha nada como lêr um volume do Alberto Pimentel.

— Porque?

— Porque se fica sempre ler.

O Porto na PARODIA  
ou a PARODIA no Porto  
(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)



Mosatto e sylva... grosso, ou um cavallo convertido

P'lo desenho a que se allude  
Na figura supra dita,  
Vê-se o mestre na attitúde  
De amestrar o jesuíta.

O burro é menino e moço!  
Mas tanto consegue o ensino,  
Que um bom Sylva, um Sylva grosso,  
Faz d'um burro um burro fino!

Tito Litho.

Mulher e cachimbo

Monologo para ser recitado pelo Snr. João Franco



Ha bem duas coisas que eu tinha no limbo  
E as quaes tambem faltam ahí a quem quer;  
Não tinha mulher e não tinha cachimbo,  
Comprei o cachimbo, casei co' a mulher!

Porém a má sorte pregou-me um carimbo,  
Porquanto não minti-se aqui lh'es dissér  
Que emquanto n'í cara a mulher é um cachimbo,  
Na cara o cachimbo é uma boa mulher!

Não pude por isso encara-la sequer!  
E quando um cachimbo sonhava n'um ninbo,  
Notei que o cachimbo cheirava a mulher,  
Emquanto a mulher me cheirava a cachimbo.

Assim, tenho ancias de vê-la no limbo  
E até já rifal-a se torna mistér  
Pois quanto p'lo cheiro eu adoro o cachimbo,  
P'lo cheiro não posso gramar a mulher!

A's vezes enfeito-a p'ra vê-la em corymbo,  
Mas quando a interrogo p'ra vêr se me quer,  
M'í vezes acesso terel o cachimbo  
Mas lá vel-a accessa não vejo a mulher!

De modo que em grandes fumaças cacimbo!  
Mas seja onde fór, se com ella estiver,  
Se ha muito quem diga: que lindo cachimbo!  
Não ha quem me diga: que linda mulher!

De bello tabaco, precioso qual zimbo  
Forneço-me já p'ro que-dér e viér!  
Mas quando até cima eu ataco o cachimbo,  
Não posso até cima atecar a mulher!

Não sei se é defeito das rimas eu imbo,  
Mas penso, e isto mesmo pensava o qualquer,  
Por muito tabaco que leve o cachimbo,  
Mais pôde mil vezes levar a mulher!

Co' a bocca torcida jogando o marimbo  
Affirma se ha muito que ha bom kalender;  
Mas se ha boccas tortas d'usar o cachimbo,  
Ha boccas mais tortas d'usar a mulher!

Enfim como tudo lá volta p'rá limbo,  
Se um dia cachimbo e mulher não tiver,  
Irei a correr buscar outro cachimbo,  
Mas não cairei em ter outra mulher!



TITO LITHO.

THEATRO D. AMELIA



Mariette Sully na Veronique

### Os boers nas Caldas

Esta guerra dos boers e os seus resultados tem sido uma mina para o portuguez. Agora, até os vendedores de laranjas das Caldas molham a sua sopa. Os boers — e só n'isso se parecem com os ingleses — que se pegam por esse saboroso fructo, estão em risco de se arruinarem naquella villa.



A esta scena assistimos nós:  
—Ostea ve esta laranja? Custa uma rodela, sabe osted?  
Um nocio, ua stão ca da gente, cada duzia!



### BIBLIOGRAPHIA

*Vienna de Austria e a sua corte*, o interessantissimo livro de Victor Tissot, vem de ser posto á venda n'uma acaedissima edição em versão portugueza muito correcta do sr. Alfredo Gallis, a quem agradecemos a gentileza da offerta de um exemplar e as amaveis palavras que a acompanham.

Os *Cavalleiros da Cruz*, um dos mais notaveis romances de H. Sienkiewicz, traduzido pelo sr. Adalberto Veiga, foi posto á venda pela casa editora T. Cardoso & Irmão, que ultimamente tem divulgado as obras do grande romancista polaco em excellentes edições por um preço excessivamente modico.

*Cavalleiros da Cruz* é uma novella interessantissima, que recomendamos aos leitores admiradores de Sienkiewicz.

### Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

#### SERVICO DOS ARMAZENS Fornecimento d'oleo de linhaça

No dia 6 de Maio pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 10.000 kilogrammas d'oleo de linhaça.

As condições estão patentes em Lisboa, no repartimento central dos armazens (edifício da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28 rue de Châteaudun.

O deposito, para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação Central do Rocio.

Lisboa, 12 de Abril de 1901.

O Director Geral da Companhia  
Chapuy.

**CAPILLARIUM** o mais efficaz preparado para o desenvolvimento da barba e do bigode, os seus resultados são rapidos, mesmo nos rapazes de 16 annos. Remette-se franco de porte, antecipando 1\$00 o réis a Plandolit y Gran, Calle de Gerona, 261, 1.º Barcelona (Hespanha).

### ROMANCES NOTAVEIS

Os *Talles d'Albergaria*, pelo eminento auctor do *Filho das Hervas*..... 800  
*Quo Vadis?* 2.ª edição, correctiva..... 600  
*A terra e fogo* (obra prima do auctor)..... 100  
*Vamos com elle!* (Suivens-le!)..... 100

T. Cardoso & Irmão—Editores.  
5, Largo de Camões, 6

### A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

A' venda:

Em Lisboa, na administração do jornal; no Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro; em Coimbra, na Livraria de J. Mesquita.

Remessa pelo correio, custa mais 200 réis para porte.



Antes e depois do decreto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.